Quem mora ao lado? O pecado ou a virtude?! Um estudo comparativo sobre adesão religiosa e política entre estudantes de Ciências Sociais e de Comunicação da FAFICH/UFMG

*Alexandre Cardoso
Léa Freitas Perez
Luciana de Oliveira*

*Pour toi à toi,
Pierre Sanchis – nosso mestre com carinho –
Com toda a força do lugar comum*

“Por que era que eu estava procedendo à-toa assim? Senhor, sei? O senhor vá pon-do seu perceber. A gente vive repetido, e, escorregável, num mim minuto, já está empurrado, já está empurrado noutro galho. Acertasse eu com o que depois sabendo fiquei, para lá de tantos assombros... Um está sempre no escuro, só no último derradeiro é que clareiam a sala. Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”. (Guimarães Rosa)

O título faz menção ao fato de que o curso de Comunicação está localizado *ao lado* do curso de Ciências Sociais no prédio da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Mas nossa “localização geográfica” próxima foi apenas um fato facilitador à realização da pesquisa também com os estudantes de “lá”; o mais importante foi poder contar com a colaboração dos colegas da Comunicação, a quem devemos os nossos agradecimentos.

Alexandre Cardoso é sociólogo e professor adjunto do Departamento de Sociologia e Antropologia da UFMG; Léa Freitas Perez é antropóloga e professora adjunta do Departamento de Sociologia e Antropologia da UFMG; Luciana de Oliveira é antropóloga e professora/coordenadora do Curso de

Introdução

De um modo geral – e para começar – é importante dizer que o desenho desta pesquisa, agora em fase de análise dos dados, tem apresentado muitas vantagens, em relação a desenhos mais usuais na experiência de pesquisa universitária brasileira, a começar pela idéia de um *pool* interuniversidades e pela forma de sua concretização, dando à pesquisa uma dimensão, digamos, quase nacional, a um custo financeiro irrisório¹. Também se vê agora que muitas questões operacionais e metodológicas foram resolvidas de modo criativo e pragmático, como a participação dos alunos, a amostragem não probabilística utilizada e o questio-

Comunicação Social do Instituto J. Andrade/MG. Participaram da pesquisa como voluntários: André Tavares Santos, Cláudio Antônio Cardoso, Flávia Ferreira Pires, Kátia Helena de Jesus, Rita Alves Nogueira e Rogério da Silva Paulino, todos estudantes do Curso de Ciências Sociais da FAFICH/UFGM, sem os quais o trabalho não teria sido viabilizado. A eles somos eternamente reconhecidos. Diferentes olhares e sensibilidades teóricas encontram-se aqui polifonicamente; encontro certamente produtivo e enriquecedor para todos nós, mas guardadas e respeitadas nossas particularidades e idiossincrasias pessoais e de *métier*. A pesquisa, assim como este texto, feito a tantas mãos e a tantas vozes, pode parecer à primeira vista confusa e plena de contradições. Todavia, se entendermos que todo e qualquer texto é fundamentalmente polifônico e polissêmico, podemos ver que as contradições e confusões são meramente aparentes, e que há um certo fio condutor, pelo menos nosso desejo de tentar pensar como os nossos alunos pensam e praticam religião e política.

¹ Para uma exposição do *pool* de pesquisa, das Universidades envolvidas, da metodologia empregada e dos quadros gerais das tendências ver Steil et alii, 2001. Registramos aqui nosso especial agradecimento ao professor Carlos, a quem devemos nossa inserção no *pool* de pesquisa. Vale também registrar que para a execução deste projeto não tivemos nenhum tipo de financiamento. Contamos, no entanto, com o apoio do Departamento de Sociologia e Antropologia e do Mestrado em Sociologia, que viabilizaram a reprodução dos questionários e colocaram computadores à disposição para a tabulação dos dados. Neste mesmo sentido, vale mencionar que o trabalho dos membros da equipe técnica – tanto professores como alunos – foi voluntário, não tendo nenhuma espécie de remuneração.

nário, seu desenvolvimento, sua aplicação, sua parte comum a todos os sete participantes do *pool* e sua parte voltada para os interesses específicos de cada grupo de pesquisa.

Em nosso caso, por exemplo, operamos algumas modificações no questionário do Núcleo de Estudos de Religião - UFRGS (NER), alterando algumas perguntas e incluindo outras com o objetivo de ampliar as possibilidades de captação do trânsito religioso, uma das questões centrais hoje nos estudos de religião e que particularmente nos incita. Além disso, nossa pesquisa, assim como as das outras instituições envolvidas, não trabalhou com uma amostra estatística. A amostra foi de tipo intencional, levando em conta uma certa representatividade da distribuição dos alunos ao longo dos respectivos cursos. Por isso, o questionário foi aplicado em turmas de início (segundo período), meio (quarto ou quinto período) e fim de curso (oitavo a décimo período)². Entendendo que a perspectiva comparativa – no sentido de pôr em diálogo e não somente em contraste dietético – é fundamental para atingir os objetivos desta pesquisa, quais sejam, verificar possíveis diferenças e semelhanças de relação com a religião e com a política e delas entre si conforme o tipo de

² Com base nos dados de matrícula do primeiro semestre de 2000, operou-se a seleção das turmas nas quais o questionário seria aplicado. No curso de Ciências Sociais, matricularam-se, no primeiro semestre do ano de 2000, 235 alunos; no de Comunicação, 213 alunos; e obtivemos um total de 98 respondentes em cada curso. Foi com base na distribuição desses alunos ao longo dos 8 períodos dos cursos, e sua dispersão pelas diferentes disciplinas, que definimos as turmas nas quais os questionários seriam aplicados. Optamos então por aplicar inicialmente os questionários nas disciplinas obrigatórias e nas que tivessem maior número de inscritos. Na seqüência, os questionários deveriam ser aplicados nas outras turmas, em grande parte levando em consideração o nosso conhecimento empírico dos cursos, sobretudo no de Ciências Sociais. Nesse curso, observa-se que, até mais ou menos o 3º ou 4º período, os alunos seguem a ordem das disciplinas; daí em diante, e até o final do curso, fica mais variável e bastante diversificada a ordem seqüencial. No curso de Comunicação este problema é menor, pois os alunos são distribuídos não por períodos, mas por ano de

curso, fizemos uma opção diferencial em relação aos outros parceiros nacionais: decidimos trabalhar com dois cursos de graduação, a saber: o de Ciências Sociais e o de Comunicação da UFMG. Nossa opção pela Comunicação deu-se em função de certos critérios: por um lado, como via de regra costuma-se dizer que o curso de Ciências Sociais é mais teórico (leia-se abstrato, voltado para a formação acadêmica), enquanto o de Comunicação é mais técnico (leia-se prático, eminentemente voltado para o mercado de trabalho), pareceu-nos que tal provável contraste, a despeito de refletir muito mais uma certa imagem idealizada dos dois cursos, poderia possibilitar dados interessantes para comparação; por outro lado, os dois cursos apresentam um nível bastante diferenciado de concorrência no vestibular e, conseqüentemente, atraem estudantes com um perfil sócio-econômico e cultural em princípio bastante diferenciado.

Tudo isso merece uma reflexão mais profunda, que não será feita aqui. Voltados para uma primeira avaliação dos dados, aqui apenas chamamos a atenção para os resultados gerais da pesquisa, enfocando particularmente certas perguntas do questionário que nos pareceram muito valiosas, tanto no interesse de permitir esboçar um perfil atitudinal dos alunos dos dois cursos pesquisados na UFMG, quanto no de levar a algumas questões de interesse mais geral. Assim, neste texto nossa intenção é realizar uma primeira aproximação em relação aos dados obtidos, sem pretensão alguma

entrada no curso, tendo uma distribuição mais homogênea ao longo das disciplinas. O questionário foi aplicado pelos membros da equipe divididos em duplas. Os professores das turmas selecionadas foram previamente contatados. A cada aplicação explicava-se em linhas gerais o objetivo da pesquisa e solicitava-se o preenchimento do questionário, obviamente que em caráter voluntário. A média de tempo de aplicação do questionário foi de 20 a 25 minutos. Após a aplicação, cada dupla de entrevistadores anotava observações e ocorrências da aplicação em um pequeno diário de campo, para que pudéssemos contar também com dados relativos a dúvidas e posicionamentos.

de esgotar as questões. Nos limitaremos a realizar um mapeamento geral, enfocando – como já mencionado – mais particularmente certas questões. Desse modo, o texto se divide em três tópicos, a saber: um perfil sócio-econômico e cultural de nossos alunos, e duas pequenas digressões: uma sobre as formas de pertencimento religioso, e outra sobre as relações que eles estabelecem – se as estabelecem, bem entendido – entre a sua prática religiosa e a sua participação política.

O perfil sócio-econômico e cultural dos alunos

Numa análise geral dos dados relativos à composição do perfil sócio-econômico e cultural dos cursos em foco, poderíamos dizer que existem semelhanças e contrastes que certamente se refletem na relação dos alunos com a religião e a política. Tentaremos traçar a seguir este perfil, mas como ressaltado anteriormente, sem levar a cabo as relações analíticas com as formas de pertencimento religioso e de participação política. Em termos das discrepâncias mais acentuadas e relacionadas à imagem dos cursos destacada na introdução, chama a atenção a diferença do perfil etário dos dois grupos estudados.

Nossos alunos entraram na Universidade majoritariamente no período compreendido entre 1997 e 2000. Eles são jovens, mais jovens na Comunicação do que nas Ciências Sociais, a maior concentração situando-se na faixa dos 22 aos 25 anos. Enquanto na Comunicação a faixa situa-se mais na dos 18 aos 21, nas Ciências Sociais é na de 22 a 26 anos, sendo os extremos bastante significativos. Enquanto na faixa até 18 anos temos apenas 4 alunos nas Ciências Sociais, na Comunicação são 23. Na faixa de 26 anos ou mais, é o contrário: são 30 nas Ciências Sociais e apenas um na Comunicação. O curso de Comunicação apresenta uma distribuição etária tendencialmente mais próxima da trajetória convencional do sistema de educação vigente em nosso país,

qual seja, a entrada no terceiro grau logo após a conclusão do segundo grau, sendo que o aluno entra na Universidade com 18 anos e sai entre os 22 e os 25 anos. Também é possível perceber uma distribuição mais homogênea, em termos etários, ao longo do próprio curso, ou seja, o ritmo do seu andamento é o padrão mais ou menos esperado, com poucos gargalos de retenção. Já o curso de Ciências Sociais atrai um público “mais velho”, talvez pelo clichê de ser um curso mais teórico, e também pela concorrência infinitamente mais baixa no processo seletivo do vestibular, que o torna atraente para pessoas que, muitas vezes, já tinham parado de estudar.

Complementando tal explicação, temos ainda que considerar alguns dados de caracterização econômica que podem nos auxiliar na compreensão das diferenças etárias entre os dois cursos. Perguntados sobre sua principal fonte de sustento, os alunos das Ciências Sociais dividem-se ao meio entre a família, com 47,96% do total, e o trabalho (bolsa de pesquisa, trabalho formal ou informal e outras fontes de renda), com 50%. Já os alunos de Comunicação têm na família a mais expressiva fonte de sustento, com 80,61%. Tal distribuição nos ajuda a compreender a tendência de maior homogeneidade na distribuição dos alunos de Comunicação ao longo do curso, como inicialmente apontamos. Prescindindo da necessidade de dividir o tempo de dedicação à vida universitária com o trabalho e tendo a possibilidade de esperar a formatura para depois ingressar no mercado de trabalho, as retenções são muito menores e o tempo de permanência na Universidade segue os parâmetros esperados. Por outro lado, os alunos das Ciências Sociais já distanciados das disciplinas em que serão avaliados no processo seletivo do vestibular pela necessidade precoce de entrar no mercado de trabalho, vêm-se mais atraídos por cursos cujas vagas sejam menos concorridas, embora não sejam cursos mais “fáceis”. Daí os gargalos e a extensão do curso por longos períodos, com a saída tardia da Universidade.

Uma semelhança aparece entre os dois cursos, pois ambos têm o mesmo percentual de alunos que se sustentam com bolsa de pesquisa, 8,16%, que, apesar de ser um número reduzido, aponta talvez uma suposta equidade dos cursos em termos dos seus programas de pesquisa com participação dos alunos patrocinados pelos organismos regionais e nacionais de fomento à pesquisa científica. É digno de observação que este índice é muito baixo entre nossos alunos, ou seja, apenas 16 entre os 196 entrevistados, repartidos igualmente entre os dois cursos.

Em relação ao nível de instrução dos pais, dado que também auxilia a compreender a situação econômica dos entrevistados, temos o seguinte retrato: as maiores discrepâncias entre os dois cursos estão nos dois níveis extremos de instrução. No extremo do menor grau de instrução, ou seja, primário completo e incompleto, temos o total de 30,6% dos pais dos alunos de Ciências Sociais, e 35,7% das mães. Entre as mães de alunos das Ciências Sociais aparece também o nosso único caso de analfabetismo. Neste mesmo extremo, no curso de Comunicação, a situação é bem diferente: 12,2% dos pais e 7,1% das mães possuem grau de instrução primário (completo e incompleto). Por outro lado, no extremo oposto, ou seja, no nível universitário, encontramos uma composição inversamente proporcional. Entre os estudantes de Ciências Sociais, 36,7% de pais e 33,7% de mães possuem curso superior completo; na Comunicação, por sua vez, temos 64,3% de pais que possuem curso superior completo e 56,1% de mães.

Seguindo as tendências apontadas pelos Censos, de uma crescente feminização dos quadros universitários e confirmando a área das Ciências Sociais como a mais procurada pelas mulheres (em detrimento de áreas consagradamente masculinas, como a de exatas, por exemplo), ambos os cursos têm mais mulheres do que homens, numa igual proporção de 62% de mulheres para 36% de homens. Apenas 4 alunos não responderam a esta questão, 2 em cada curso.

Esquecimento? Ou poderia ser algum indicativo de outro pertencimento de gênero não previsto pelo questionário? *Aller-savoir*?! Igualmente, são majoritariamente solteiros (175 alunos entre 196 – os casados são 13), com tendência de um maior número de casados entre os alunos de Ciências Sociais (12 contra apenas 1 na Comunicação), o que deve se explicar pelo fato de esses serem tendencialmente mais velhos. Três alunos não responderam a esta pergunta. Esquecimento? Ato falho? Ou quem sabe algum indicativo de não-conformidade com o padrão de escolha oferecido? Se tratamos esse tema de modo absolutamente clássico, ou seja, dividindo o universo pesquisado em dois blocos, solteiros e casados, podemos observar que entre as formas de união, a tendência maior é a do casamento, já que apenas 2 estudantes de Ciências Sociais declararam morar com o companheiro e 1 se declarou divorciado.

O indicador cor/raça também aponta para os dados de Censos e para discussões teórico-históricas sobre a formação dos brasileiros, que, dado o caráter descritivo deste trabalho, não retomaremos agora. Entretanto, vale observar que essa foi uma das questões que mais polêmicas gerou durante a aplicação do questionário, que, diga-se de passagem, foi preenchido pelos próprios alunos, ou seja, sem interferência da interpretação do pesquisador que anota o dado, e foi também um dado captado em questão aberta, na qual solicitamos a declaração de cor/raça. Nossos alunos, tal como os brasileiros em geral, identificam-se fundamentalmente como brancos: 52 alunos (53%) nas Ciências Sociais e 67 (68,4%) na Comunicação. Dos 196 alunos entrevistados, 119 são brancos, ou seja, 60,7%. Outros 62 alunos (31,6%) distribuem-se num espectro que vai do negro ao moreno, passando pelo pardo e outras. Outro dado que vale ressaltar é o índice relativamente significativo da não-resposta, 14,3% do total de entrevistados nos dois cursos. Assim é que, nas Ciências Sociais, temos 6 negros, 14 pardos, 11 morenos, 6 outras

denominações de cor/raça e 9 não-respostas. Na Comunicação, são 4 negros, 3 pardos, 6 morenos, 12 outras denominações e 6 não respostas. No total geral, temos: 10 negros (5,1%), 17 pardos e 17 morenos (8,7%, respectivamente), 18 outras denominações de cor/raça (9,2%), 1 não sabe (0,5%) e 14 não-respostas (7,1%). Se tratarmos em separado os não-brancos, que totalizam 62 respondentes, temos 10 negros (16,2%), 17 pardos, 17 morenos (27,4% cada) e 18 outras (29%). É interessante observar que entre os não-brancos predominam os não-negros, ou seja, os pardos e morenos, em igual proporção, muito próxima uma da outra. A polissemia e a polifonia dos termos classificatórios de cor/raça fica claramente evidenciada, assim como a grande oposição nacional entre brancos e não-brancos, e não-branco entendido como negro. É digno de nota que nenhum aluno se identificou como amarelo ou congênere.

Falar sobre as preferências/gostos culturais de nossos alunos não é uma tarefa muito fácil. As perguntas dirigidas para esse tema eram simultaneamente muito amplas e muito restritas. Amplas porque eram abertas, restritas porque se referiam unicamente a questões relativas a literatura, música e televisão. Além de, por si, possibilitarem uma diversidade de respostas, e respostas que podiam incluir várias referências simultâneas, cuja tabulação é relativamente complexa, sua colocação ao final do questionário talvez possa ter provocado uma certa preguiça, pois é significativo o número de não-respostas. Tendo em mente essas ressalvas, é possível apontar algumas pistas sobre as preferências de nossos estudantes.

Vejamos primeiro os de Ciências Sociais. Sobre o escritor de sua preferência, num espectro de 45 referências e de 14 não-respostas, os mais citados foram, por ordem, Machado de Assis (11) e Guimarães Rosa (8), Rosa que aliás divide o número com os que declararam não ter um escritor preferido. Segue um bloco com três indicações, a saber: Carlos

Drummond de Andrade, Fernando Sabino e Rubem Fonseca. Finalmente, um bloco de 2 menções: Isabel Allende, Jorge Amado, José Saramago, Nietzsche, Oscar Wilde e Umberto Eco. Vê-se que não somente os estudantes de Ciências Sociais preferem escritores brasileiros, como os campeões são dois clássicos. Dos 11 autores mais citados, apenas 3 são efetivamente estrangeiros, se deles excluirmos Isabel Allende e Saramago, devido às afinidades ibero-latinas. É interessante observar como Nietzsche e Eco são tomados por nossos alunos como escritores e não como cientistas. Ainda no campo da literatura, perguntamos qual havia sido o último livro lido pelo aluno. Entre 76 referências – as mais diversas – e 14 não-respostas, encontramos como o mais citado o *Ensaio Sobre a Cegueira*, de Saramago, com 3 menções. Depois, com duas, vêm *Agosto*, *Estação Carandiru* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

Perguntamos também qual havia sido o último livro de auto-ajuda lido pelo aluno. Com um total de 30 referências, observamos um alto índice de não-respostas e respostas negativas: 10 nenhum, 4 não leio esse tipo de livro, 4 nunca li, 1 não tenho, 5 não lembro e 39 não responderam. Temos apenas duas menções mais significativas: a *Bíblia*, com 4 menções, e *O Livro dos Espíritos*, com 3. Aqui vale chamar a atenção para o fato de nossos alunos considerarem a Bíblia como livro de auto-ajuda, numa flagrante e muito sugestiva heterodoxia do dogma. Estariam eles reescrevendo o texto sagrado e constituindo uma outra exegese? Foram também questionados sobre o livro que teria marcado suas vidas. Em 71 referências, para 12 não-respostas, 2 nenhum, 1 muitos e 1 não tenho, temos, no mesmo plano, com 2 menções cada, os seguintes: *Bíblia*, *Agosto*, *Capitães de Areia*, *Cem Anos de Solidão*, *Crime e Castigo*, *Dom Casmurro*, *Ensaio Sobre a Cegueira*, *Feliz Ano Velho*, *O Velho e o Mar*, *Olhai os Lírios do Campo* e *Violetas na Janela*. Aqui, o que chama a atenção é, de novo, a citação da Bíblia como livro mais marcante em toda a vida, e o grande espectro de gêneros literários.

Mais no campo da diversão, havia no questionário duas perguntas: uma sobre o músico/grupo preferido e outra sobre o programa de televisão preferido. Em 48 referências, muitas cruzadas – vale lembrar, mais uma vez, que em muitas perguntas os alunos podiam dar várias respostas simultaneamente – 15 não-respostas e 3 sem preferência, ficamos sabendo que o músico preferido de nossos alunos, e em grande destaque em relação aos demais mencionados, é Chico Buarque de Holanda (15 citações). Depois de Chico, com 6 menções, aparece a banda Legião Urbana. Caetano Veloso e Bach – que dupla! – aparecem empatados no terceiro lugar (4 alunos disseram preferi-los), seguidos de Raul Seixas, com 3 indicações. Empatados, figuram, com 2 referências, Djavan, Marisa Monte e Milton Nascimento. Ressalta-se aqui a majoritária preferência por Chico vinda de um grupo que, pela idade, certamente não conheceu a fase mais ativa dele. Quem sabe isso não sugere uma influência familiar, dado que certamente seus pais, esses sim, são da mesma geração de Chico. Estariam nossos alunos fazendo jus ao refrão “ainda somos os mesmos e vivemos (cantamos) como nosso pais”? Ou Chico seria, assim como Milton, Djavan, Raul Seixas e Caetano, aquilo que poderíamos chamar de clássicos vivos? Digna de nota também é a associação Caetano/Bach, dois eruditos no duplo sentido da expressão? Rigorosamente falando, contemporâneo a eles somente Marisa Monte. O fato é que, clássicos vivos ou mortos, influência familiar ou não, influência da mídia ou não, nossos alunos estão muito afinados e sintonizados com um certo bom gosto popular-erudito característico de um certo fragmento das chamadas camadas médias intelectualizadas brasileiras, das quais, diga-se de passagem, nós, professores, também fazemos parte.

Quando o tema é televisão, tudo se passa como se “o bicho pegasse”, pois é nítida a dificuldade de escolha específica, pontual. Assim é que em 37 referências, 20 não-respostas, 5 nenhum, 6 não tenho e 3 não assisto TV! (exclamação

deles), o programa mais assistido é o *Roda Viva*, citado por 7 alunos, seguido de *Jô Soares* com 3 indicações. As outras menções dizem respeito não efetivamente a programas, mas a gêneros, como, por exemplo, noticiários, filmes e documentários. Muitos ainda nomearam canais (Discovery Channel, Animal Planet, GNT, Cartoon, HBO) das TV's a cabo, satélite ou por assinatura, em lugar de nomear um programa, como solicitado. Caberia perguntar o porquê dessa dificuldade classificatória. Será que em termos de televisão tudo se equivale a ponto de não ser possível uma clara escolha? Será que nossos alunos teriam uma visão relativamente preconceituosa de televisão, por isso a dificuldade de se posicionar diante dela? A oferta de produtos é tão grande e variada que fica difícil escolher? Será que, ao fim e ao cabo, vê-se um pouquinho da cada, o que equivale a dizer que não se vê nada? Zapeia-se o tempo todo? Etc e tal ...

Vejamos agora as preferências de nossos vizinhos de corredor na FAFICH, os estudantes de Comunicação.

Para eles, o escritor preferido, entre 35 referências (contra 45 nas Ciências Sociais), 13 não-respostas (contra 14 nas Ciências Sociais), 1 não sabe, 2 vários e 8 não tenho (mesmo número nas Ciências Sociais), com 16 “votos”, é o mesmo dos de Ciências Sociais, ou seja, Machado de Assis. Em segundo lugar, aparece Clarice Lispector com 6 menções, seguida de um empate técnico entre Guimarães Rosa e Luís Fernando Veríssimo, com 5 indicações cada. Em quarto lugar, os vizinhos do lado colocam, também em um empate técnico, com 4 “votos” cada, nada mais nada menos do que Carlos Drummond de Andrade, Jorge Amado, García Márquez e Fernando Pessoa. Por fim, vêm Dostoiévski, com 3 indicações, e Fernando Sabino com 2. O que se pode dizer? Bem, em primeiro lugar que os escritores prediletos dos estudantes de Comunicação são fundamentalmente brasileiros, com uma sutil tendência para o poético. Mas o que efetivamente é importante ressaltar é o fato de que, embora não na mesma ordem – mas será que o diferencial de ordem diz muita

coisa? – em ambos os cursos os estudantes apontam para uma coincidência entre certos autores brasileiros, fundamentalmente clássicos, isto é, suas preferências giram em torno de Machado de Assis, Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade e Jorge Amado.

Quanto ao último livro lido, as diferenças são mais marcantes. Entre 80 referências (contra 76 nas Ciências Sociais), 6 não-respostas (contra 13 nas Ciências Sociais) e 1 não lembro, o livro mais mencionado (por 5 alunos) é *Notícias do Planalto*, livro que trata das relações entre a imprensa e o governo de Fernando Collor, que, sem dúvida, exerce grande atração sobre estudantes de Comunicação. Imediatamente em seguida vem um bloco com 2 indicações cada, assim composto: *Cem Anos de Solidão*, *Distraídos Venceremos*, *Felicidade Clandestina*, *Incidente em Antares*, *Olga* e *O Senhor dos Anéis*. Não somente não há nenhuma coincidência, como o livro mais indicado por nossos vizinhos de lado é de cunho claramente jornalístico. Será que à época da aplicação do questionário estavam eles fazendo algum trabalho para alguma disciplina? Será que os alunos de Comunicação se interessam mais por política atual que os de Ciências Sociais? Questões, nada mais do que questões! Valem pelo que valem, aliás, como tudo o que podemos dizer nesse texto.

Quanto ao último livro de auto-ajuda lido, em 39 referências (contra 30 nas Ciências Sociais), com 18 menções entre o não leio e nunca li, 1 não sei, 5 não lembro e 32 não-respostas (contra um total de 63 nas Ciências Sociais), aparecem, com o mesmo número de citações (2), a *Bíblia* e *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Embora sejam as mesmas indicações feitas pelos alunos de Ciências Sociais, o que poderia indicar uma grande proximidade entre eles, a variedade de menções, mesmo que em proporção bem menor, sugere que os alunos de Comunicação parecem saber de modo mais claro o que é um livro de auto-ajuda do que os de Ciências Sociais. A menção ao espiritismo é bastante significativa, pois os estudantes de Comunicação indicam um claro

interesse por essa forma de religiosidade, o que já não é tão claro entre os de Ciências Sociais.

Relativamente ao livro que marcou suas vidas, entre 61 referências, 12 não-respostas, 2 não sei, 2 não tenho e 3 nenhum, as preferências assim se distribuem, pela ordem: *Cem Anos de Solidão* (6), *Olga*, *Bíblia*, *Encontro Marcado* e *Capitães de Areia* (com 3 cada), e finalmente, com 2 menções, o bloco *O Pequeno Príncipe*, *Crime e Castigo*, *Grande Sertão: Verdades*, *Admirável Mundo Novo* e *As Brumas de Avalon*. A observar que, em ambos os cursos, vê-se, embora não na mesma ordem, uma coincidência em torno de *Bíblia*, *Capitães de Areia*, *Crime e Castigo* e *Cem Anos de Solidão*. Interessante a mútua menção à *Bíblia*, que aparece tanto nessa questão quanto na relativa a livros de auto-ajuda, assim como a de *Crime e Castigo* e de *Cem Anos de Solidão*, que trazem uma forte tematização de questões relativas à natureza, à alma humana sob um forte fundo religioso.

Quanto às preferências musicais e televisivas de nossos vizinhos, o que podemos observar? Relativamente ao músico/grupo, entre 56 referências, 10 não-repostas e 5 não tenho, o *ranking* distribui-se da seguinte forma: em primeiro lugar, Chico Buarque com 10 citações, seguido por Marisa Monte com 6. Depois vem um bloco com 5 indicações cada, formado por Caetano Veloso, Milton Nascimento, Legião Urbana e Djavan; em terceiro lugar, ficam Renato Russo e Beatles, com 3 indicações cada, e, em seguida, Gil, Tom Jobim, Pink Floyd e Led Zeppelin, com 2 indicações cada. Talvez, entre os alunos de Comunicação, o que dissemos acima sobre um certo anacronismo nessas preferências fique ainda mais patente, à medida que eles são mais jovens do que os estudantes de Ciências Sociais. Outro detalhe digno de nota é a menção ao grupo Legião Urbana e a citação de Renato Russo separadamente. Pela idade, os alunos entrevistados na Comunicação não conheceram o grupo durante toda a sua trajetória; todavia, viveram o fenômeno de culto de que Renato Russo foi objeto depois de sua morte.

Vê-se que ambos os cursos apresentam um perfil bastante parecido de gosto musical. Não somente em ambos Chico Buarque de Holanda é o grande campeão, como partilham a preferência por Caetano Veloso, Marisa Monte, Djavan, Milton Nascimento e a banda Legião Urbana.

Sobre televisão, nossos vizinhos parecem ter mais clareza de suas preferências, o que também indica uma clara sintonia com sua faixa de idade, do que os alunos de Ciências Sociais, até porque, como estudantes de Comunicação, têm que estar atualizados com a programação deste veículo em que, mais tarde, poderão vir a trabalhar direta ou indiretamente. Vejamos: entre 38 referências, 17 não-respostas e 5 não tenho, aparecem pela ordem: *Casseta e Planeta* (10 citações), *Friends* (9), Filmes (6), Jornais (4), um bloco de 3 menções formado por *Manhatan Connection*, *Roda Viva* e seriados e, finalmente, com 2 citações cada, vêm *Observatório da Imprensa*, *Ratinho*, *TV Pirata* e *South Park*. Preferências bastante sugestivas. *Friends* e *South park* são seriados norte-americanos que tematizam questões ligadas ao cotidiano de jovens de camadas médias e líderes absolutos de audiência na televisão norte-americana. O acento de humor também fica destacado com *Casseta e Planeta* e *TV Pirata*. A menção ao programa de Ratinho também é bastante sugestiva, sobretudo se levarmos em consideração que eles também gostam de programas de debate “sério”, como *Roda Viva* e *Observatório da Imprensa* (onde o lado da formação profissional deve pesar alguma coisa). Deve-se atentar também para o fato de que, ao contrário do que aconteceu nas Ciências Sociais, não encontramos entre os estudantes de Comunicação a resposta “Não assisto TV!” e, como dito anteriormente, entre eles há uma maior clareza de suas preferências. Neste sentido, é sugestivo pensar que permanece no curso de Ciências Sociais um certo tom de “protesto” político, revelando certa resistência aos meios de comunicação de massa.

Dado este panorama muito geral, gostaríamos ainda de analisar uma última pergunta neste tópico de caracteriza-

ção do perfil de nossos alunos que parece indicar uma interessante área de *passagem* ao próximo ponto de nossa análise, qual seja, o do pertencimento. Perguntamos aos alunos sobre os motivos que os levaram a escolher seus respectivos cursos e, vale dizer, esta era uma pergunta que admitia múltiplas respostas. Entre os motivos elencados, evidenciase uma grande proximidade entre os estudantes, já que são primordialmente “interesses pessoais” que definem a escolha pelo curso, com um índice de 89,8% de respostas afirmativas entre os estudantes de Ciências Sociais e 99% entre os de Comunicação. A similitude, entretanto, pára aí, uma vez que 53% dos alunos de Ciências Sociais se disseram motivados por “problemas sociais”; esse número cai para 22,5% na Comunicação. Numa resposta aparentemente incoerente, os “interesses políticos” motivam pouco nossos alunos de Ciências Sociais, apenas 36,7%, e quase nada os de Comunicação, apenas 7,1%, tanto quanto pouco contam a “família”, os “amigos” e mesmo o “mercado de trabalho”. O motivo mercado de trabalho apresenta uma pequena acentuação entre os alunos de Comunicação (15,3% respondem afirmativamente). É preciso lembrar que esta diferença tem a ver com a imagem idealizada de cada um dos cursos em que foi realizada a pesquisa, como apontado na introdução deste trabalho. Em princípio, o que se observa é que, se de um lado nossos alunos interessam-se por problemas sociais, de outro os desvinculam de uma dimensão mais propriamente política. Talvez aqui se pudesse lançar, à guisa de indagação, se não estariam nossos alunos em plena consonância com o *espírito* do seu tempo – que parece indicar o fim do primado dos grandes sistemas unitários de explicação e dos grandes projetos políticos e sociais homogeneizadores – estando assim mais ligados à esfera de um modo outro de experiência do ser no mundo, que privilegia não mais a Unidade no partido, em Deus, etc., mas a pluralidade de vivências partilhadas, nas quais conta mais a religação do

que qualquer objetivo, finalidade ou intenção, enfim, nesse difuso social. Parece-nos que nas formas de pertencimento religioso, bem como nas formas de participação política, poderemos encontrar indicadores de tais proposições que aqui lançamos de modo especulativo. Passemos a elas.

As formas de pertencimento religioso

Das 34 perguntas do questionário, 15 eram dedicadas ao tema religião, e cobriam 4 áreas, a saber: as formas de pertencimento religioso, as formas de participação e de trânsito religioso, a “curiosidade” sobre formas alternativas de religiosidade e as modalidades de crenças. Aqui nos limitaremos apenas a algumas reflexões gerais, e fundamentalmente descritivas, sobre as formas de pertencimento, deixando uma reflexão mais fina das outras áreas para um outro momento. Todavia, é importante deixar bem claro que não estamos hierarquizando as questões em termos de relevância; é apenas um modo, entre outros, de entrar no assunto.

Antes mesmo de ver o que os dados sugerem, é preciso fazer algumas observações sobre o instrumento utilizado e as repercussões de sua aplicação. A questão “Você se definiria como?” – na qual eram dadas como opções as alternativas ateu/atéia, religioso/religiosa, agnóstico/agnóstica e sem religião – foi a questão que, juntamente com a relativa à cor/raça, mais suscitou reações. Foram feitas muitas indagações, comentários, bem como solicitações sobre o significado do termo “agnóstico”, o que nos sugere que não havia clareza por parte dos alunos sobre o sentido da expressão, coisa, aliás, que também aconteceu com os alunos que compõem o grupo de pesquisa e que foram os aplicadores do questionário. De antemão, já sabíamos que haveria dificuldades com a terminologia, mas nossa posição foi a de não dar nenhum indício, apenas declarando que o entendimen-

to/interpretação da questão também fazia parte da pesquisa³. Assim é que a apreensão e análise desses dados requerem não somente uma crítica criteriosa do instrumento utilizado para captá-los, mas também a consideração da dimensão adjetivadora, polifônica, polissêmica e ambígua dos termos empregados. Isto posto, vejamos o que nos é dado dizer – com relativa propriedade e numa primeira aproximação – sobre como se definem nossos alunos em relação à religião.

Num primeiro plano e em termos globais, nossos estudantes, pela ordem, se definem como: 1) religioso – 104 (53%); 2) sem religião – 42 (21,4%); 3) agnóstico – 30 (15,3%), 4) ateu – 16 (8,1%), 5) não respondeu – 4 (2%). No geral, sugerem a seguinte tendência: são mais religiosos do que sem religião, bem como mais agnósticos do que ateus e mais sem religião do que agnósticos. Em cada curso tratado separadamente, observam-se algumas variações. Nas Ciências Sociais, o quadro é o seguinte: 1) religioso – 53 (54%); 2) sem religião – 23 (23,5%); 3) agnóstico – 10 (10,2%); 4) ateu – 9 (9,2%); 5) não respondeu – 3 (1%). Na Comunicação: 1) religioso – 51 (52%); 2) agnóstico – 20 (20,4%); 3) sem religião –

³ Embora a terminologia “ateu”, “agnóstico” e “religioso” seja relativamente bem estabelecida no campo das Ciências Sociais da religião, se levarmos em conta o que diz o dicionário, podemos entender melhor as dificuldades de nossos alunos. Ateu: *adj.* 1. Diz-se daquele que não crê em Deus ou nos deuses; ímpio. Agnóstico: *adj.* 1. Relativo ao agnosticismo. Agnosticismo: *sm.* Filos. 1. Posição metodológica pela qual só se aceita como objetivamente verdadeira uma proposição que tenha evidência lógica satisfatória; 2. Atitude que considera fútil a metafísica; 3. Doutrina que ensina a existência de uma ordem de realidade incognoscível. Religioso: *adj.* 1. Relativo ou conforme à religião, ou próprio dela; 2. Quem tem religião, ou que cumpre escrupulosamente os seus deveres religiosos. *sm.* 4. Indivíduo que professa uma religião, ou que fez votos monásticos (Aurélio, 1986: 51, 155, 1211, 1212). A polissemia, a polifonia e mesmo a ambigüidade dos termos, sobretudo se levarmos em conta que são fundamentalmente adjetivos, portanto indicam não propriedades, mas qualidades, precisam ser consideradas na apreensão dos dados, sob o risco de graves desvios analíticos.

19 (19,3%); 4) ateu – 7 (7,1%); 5) não respondeu – 1 (1%). O quadro das Ciências Sociais corresponde ao quadro geral; já o da Comunicação apresenta uma inversão: os alunos desse curso seriam um pouco mais agnósticos do que ateus. Ambos seriam quase que igualmente religiosos, com uma pequena tendência de aumento entre os de Ciências Sociais. Seriam também, tendencialmente, mais igualmente ateus, com um pequeno aumento quando se trata de Ciências Sociais. Comparativamente, tomando como ponto de partida o quadro das Ciências Sociais, podemos dizer que esses alunos são mais religiosos, ateus e sem religião e menos agnósticos do que os de Comunicação. Os primeiros tendem a ser um pouquinho mais sem religião e relativamente menos agnósticos do que os segundos, a maior diferença entre eles dizendo respeito a serem sem religião e agnósticos. Dito de outro modo: enquanto os primeiros são menos sem religião, são também menos agnósticos do que os segundos.

Para explorar melhor e de modo mais reflexivo esses dados, é necessário que recorramos às outras questões, como, por exemplo, “Você tem religião?” (pergunta de escolha simples). Sobre terem ou religião, o quadro geral é o que segue: 1) sim – 116 (59,1%); 2) não – 77 (39,2%); 3) não respondeu – 2 (1%); 4) não sabe – 1 (0,5%). Essa pergunta confirma a anterior sobre a tendência de nossos alunos de terem identificação positiva com a religiosidade, embora ser religioso e ter confissão religiosa não se localizem no mesmo plano e no mesmo nível hierárquico. Nas Ciências Sociais, os números são: 1) sim – 56 (57,1%); 2) não – 41 (41,1%); 3) não respondeu – 1 (1%). Na Comunicação: 1) sim – 60 (61,2%); 2) não – 36 (36,7%); 3) não respondeu – 1 (1%); 4) não sabe – 1 (1%). Assim, comparativamente, os alunos de Comunicação apresentam um índice um pouco maior de afirmação positiva quanto à confissão de religião do que os de Ciências Sociais.

Talvez agora possamos entender melhor os quadros gerais e os específicos, sobretudo se levarmos em consideração que as duas perguntas aqui discutidas têm um caráter

bastante diferente. “Você se definiria como?” é uma pergunta de múltipla escolha, com 4 possibilidades de escolha indicadas. Já a pergunta “Você tem religião?” é uma questão de escolha simples – sim ou não. O que se observa é uma significativa variação no resultado conforme se trate de uma ou outra questão; todavia, uma análise mais fina dessa variação – sem dúvida fundamental para que possamos avaliar com mais acuidade o pertencimento religioso de nossos alunos – será feita em um outro momento. Vale a pena repetir, mais uma vez, que este texto tem um caráter mais descritivo – e descritivo das tendências gerais – do que analítico. Já nessa primeira aproximação, nos inquietamos sobre o que estariam indicando as respostas afirmativas quanto ao ateísmo, ao agnosticismo e ao sem religião, de um lado, e confissão religiosa, de outro. O cruzamento desses dados parece sugerir que se declarar religioso, em ambos os cursos (53%) não significa necessariamente ter confissão religiosa (59%). No geral, eles teriam mais religião confessionalmente definida do que seriam religiosos. No específico, os alunos de Comunicação acompanham o quadro global, tendendo a ter um pouco mais de confissão religiosa do que os de Ciências Sociais. No geral, declarar-se agnóstico e ateu (38%) parece se aproximar de não ter nenhuma religião (39,2%). A tendência é bem mais clara na Comunicação do que nas Ciências Sociais. Todavia, o que é instigante é o fato de que, embora sejam os alunos de Comunicação que se apresentem como tendo mais religião confessada que os de Ciências Sociais, são os mesmos em que o número dos que se dizem agnósticos é maior: 20,4% contra 10,2%. Por outro lado, ser ateu apresenta praticamente o mesmo índice em ambos os cursos: 9,5% nas Ciências Sociais e 7,1% na Comunicação. A tendência nos sugere que o velho e sempre bom ancestral está corretíssimo quando propõe a necessidade de, ao se analisar o fenômeno religioso, distinguir religião – no sentido institucional – do religioso – no sentido de sentimento coletivo (DURKHEIM, 1996). Ou seja, parece que quando nos-

sos alunos dizem sim para a pergunta “Você tem religião?”, estariam apontando para essa dimensão institucional e para as formas tradicionais de pertencimento religioso, coisa que parecem separar do sentimento religioso, que seria mais difuso e não-institucional.

Avançando mais no detalhamento, perguntamos aos alunos “Qual é a sua religião?”. A questão de escolha múltipla – tendo como opções: católica praticante, católica não-praticante, protestante, pentecostal, espírita, afro-brasileira, orientais, judaica, outra – e diretamente vinculada à questão “Você tem religião?”, indica o seguinte quadro geral, pela ordem: 1) católica não-praticante – 54 ou 55,1%; 2) católica praticante – 41 ou 41,9%; 3) espírita – 16 ou 16,6%; 4) outra – 14 ou 14,2%; 5) protestante – 10 ou 10,2%; 6) afro-brasileira e orientais – 2 ou 2%; 7) judaica – 1 ou 1%; 8) pentecostal – zero. Nas Ciências Sociais: 1) católica não-praticante – 23 ou 23,5%; 2) católica praticante – 18 ou 18,4%; 3) protestante – 9 ou 9,2%; 4) espírita – 8 ou 8,2%; 5) outra – 7 ou 7,1%; 6) afro-brasileira – 2 ou 2,0%; 7) orientais e judaica – 1 ou 1%; 8) pentecostal – zero. Na Comunicação: 1) católica não-praticante – 31 ou 31,6%; 2) católica praticante – 23 ou 23,5%; 3) espírita – 8 ou 8,2%; 4) outra – 7 ou 7,1%; 5) protestante e orientais – 1 ou 1%; 6) pentecostal, afro-brasileira e orientais – zero. Vejamos quais são as tendências que se destacam.

Em primeiro lugar, o zero absoluto de confissão pentecostal em ambos os cursos. Provavelmente, esse zero absoluto, o único encontrado, se explique pelo perfil sócio-econômico de nossos alunos, característico das camadas médias urbanas intelectualizadas brasileiras, segmento de pequena penetração do pentecostalismo. Em segundo lugar, o baixo percentual de afro-brasileira (2 nas Ciências Sociais e zero na Comunicação), orientais (1 em cada curso) e judaica (apenas um nas Ciências Sociais). Sabemos pelos Censos que, em nosso país, mesmo aqueles que se declaram negros – segmento social onde a influência das religiões afro-brasi-

leiras é historicamente mais significativa – não se confessam como adeptos dessas religiões. Nos nossos cursos, essa tendência pode ficar ainda mais evidente dado a pequena percentagem de alunos que se declaram negros, 5,1%. Em terceiro lugar, o índice sugestivo de outra que não as indicadas pelo instrumento e em igual proporção (7) em cada curso.

Quanto à religião confessada, observa-se que os alunos são, pela ordem: em primeiro lugar, católicos, mas católicos não-praticantes, vindo depois, em segundo lugar, os espíritas e, em terceiro, os protestantes. Quanto à terceira religião confessada, ou seja, o espiritismo, temos que ambos o são em igual proporção. O quadro geral apresenta interessantes variações nos quadros específicos. Assim, enquanto em ambos os cursos os alunos são católicos não-praticantes, os de Comunicação são tendencialmente mais não-praticantes do que os de Ciências Sociais, numa proporção de 31,6% para 23,5%. Todavia, quanto se trata de católico praticante, é o inverso que ocorre, ou seja, os da Comunicação são mais praticantes do que os das Ciências Sociais, na proporção de 23,5% para 18,4%. A proporção de protestantes é significativamente maior nas Ciências Sociais (9,2%) do que na Comunicação (1%).

Grosso modo, pode-se dizer que os conjuntos confessionais de nossos alunos são bastante semelhantes ao quadro confessional brasileiro, mineiro e belo-horizontino, tal como podemos observar nos dados dos últimos Censos. Considerando-se os recortes de gênero, idade e classe dos grupos de alunos trabalhados, além do número reduzido de casos considerados, poderíamos esperar grandes discrepâncias em relação ao quadro confessional geral, o que não ocorreu. Devemos, obviamente, considerar a possibilidade de isso não passar de uma grande coincidência ou um viés produzido pelo próprio instrumento da pesquisa. Mas, contra essas possibilidades, podemos observar que as relativamente discretas discrepâncias entre nossos quadros, e entre eles e o

quadro geral, são sugestivas de hipóteses consistentes com as interpretações correntes do campo religioso no Brasil, que se reproduz em Minas Gerais e em Belo Horizonte, como se disse, com pequenas variações⁴.

Pelos dados dos Censos, grosso modo, cerca de 75% dos brasileiros são católicos, cerca de 15% são protestantes, dos quais uma décima parte é adepta das confissões tradicionais, cerca de 1% são espíritas, cerca de 1% são adeptos das denominações afro-brasileiras, cerca de 3% se dividem em centenas de denominações variadas e cerca de 5% se declaram sem religião. Separadamente, esses dados mostram ainda uma leve acentuação “tradicionalista” no quadro religioso de Minas Gerais em relação ao quadro do Brasil, e uma leve acentuação “modernizante” no quadro religioso de Belo Horizonte em relação ao quadro de Minas Gerais. Isso, bem entendido, se se designar por tradicionalismo a maior adesão proporcional ao catolicismo, e por modernização a maior adesão proporcional a outras confissões, bem como a não-adesão religiosa.

Todavia, convém observar que, tal como disse Baudrillard, a modernidade é “movente em suas formas, em seus conteúdos, no tempo e no espaço, ela não é estável e irreversível senão como sistema de valores, como mito”. Assim entendida, a modernidade “se assemelha à tradição”. A polissemia das intrincadas relações entre tradição e modernidade é expressa de maneira exemplar por esse autor quando ele diz

⁴ Embora estejamos fazendo uso da expressão corrente “campo religioso”, conceitualmente adotamos o ponto de vista de Otávio Velho, segundo o qual a religiosidade não consiste apenas em um “campo”, mas em uma “perspectiva”, cujo ponto focal é a idéia de “relação-presença”, que não deve ser confundida com as relações sociais usuais, já que é construída “num âmbito restrito de atos fortemente ricos de presença” (BUBER). Tal modo de ver a religiosidade implica um radical alargamento de horizonte teórico, pois como “no interior da relação as possibilidades são infinitas”, não podem ser reduzidas “a um único discurso ou maneira de pensar ou à reificação operada pelas ciências sociais na própria linguagem” (1995: 61,62, 64, 74).

que a modernidade “não é jamais mudança radical ou revolução”, ao contrário, ela “sempre entra em implicação com a tradição num jogo cultural sutil, num processo de amálgama e de adaptação” (1982: 28-30). O problema é que a *doxa* cria uma confusão entre reformismo, desenvolvimento sócio-econômico e modernidade, de maneira que, ao fim, tanto a tradição como a modernidade são reificadas, e seus respectivos conteúdos acabam deformados. Considerando-se a face propriamente religiosa dessas relações, sobretudo num país profundamente híbrido como o nosso, em suas tramas sincréticas, como diria Sanchis, as relações entre tradição e modernidade podem ser dimensionadas num outro plano. É ilusório – como muito apropriadamente diz Queiroz – tratar o catolicismo brasileiro “como se fosse monolítico”, uma vez que “havia existido sempre pelo menos duas vertentes dele, desde o período colonial”: um “catolicismo familiar, dos colonos portugueses” e outro “mais romano, mais universalista, das ordens religiosas, e sobretudo dos jesuítas”, como propõe Bastide. Ou “catolicismo oficial” e “catolicismo popular”, como enuncia Azevedo (1988: 67). Vê-se assim que os números dizem pouco se não forem traduzidos por relações de qualificação sócio-antropológica, sobretudo em se tratando de temas “delicados” como religião e política e a relação entre elas. A sabedoria popular nos ensina que futebol, religião e política não se discutem; Mauss, que o sagrado é o que qualifica, para o grupo e seus membros, a sociedade (1968: 16-17).

Há também uma discrepância entre os nossos quadros e o quadro geral em relação ao número de protestantes. Neste caso, nossos alunos são menos protestantes que a população brasileira, mineira ou belo-horizontina. Essa sub-representação nem é tão grande assim, uma vez que pode ser tributada ao evidente viés de classe dos nossos casos. Como se sabe, o crescimento do protestantismo em suas versões mais recentes, de cunho neopentecostal, tem ocorrido principalmente nas camadas urbanas pobres, e apenas secundaria-

mente nos segmentos de classe média, onde são recrutados os alunos das grandes universidades. O dado bruto, no entanto, presta-se a uma certa relativização, se levarmos em conta que, tal como indica Sanchis, o protestantismo dito histórico está bem presente no Brasil, muito embora possa ser esquecido face “ao alarido pentecostal”. Sua presença dá-se, “sobretudo em algumas de suas denominações e para determinadas camadas da população, mais afeitas ao jogo autônomo da razão e para quem o dogmatismo católico cria um mal-estar religioso”. Ele diz também que a representação segundo a qual o protestantismo histórico estaria vivendo entre nós um processo de “estagnação quase mumificada, menos talvez em regiões de colonização suíça ou alemã, onde o calvinismo e o luteranismo constituem quase que religiões ‘étnicas’”, está “errada ou, pelo menos, ultrapassada”. (1997: 29-30)

Há, finalmente, uma discrepância entre os nossos quadros e o quadro geral em relação ao número de espíritas, no sentido oposto ao caso do protestantismo. Há muito mais espíritas nos nossos quadros do que no quadro geral. Aqui nos ocorre a famosa sentença de Camargo, baseada em pistas indiretas, segundo a qual, tanto quanto ou mais do que católicos, talvez sejamos um país *mediúnico*, embora não o admitamos (1961). De um modo geral, pelo que se sabe, a despeito de sua incompatibilidade fundamental, crenças espíritas não excluem crenças católicas no universo simbólico brasileiro, mas, de algum modo, interagem com elas, não se conhecendo ao certo o valor específico que tais crenças espíritas possam ter na cosmovisão dos brasileiros, na orientação de suas ações e na conformação de suas relações. Talvez esses números gordinhos de espíritas dos nossos quadros estejam a revelar mais um pouquinho desse *segredo* dos brasileiros. A indiscrição *jovial* de nossos alunos pode explicar o número significativo de suas próprias confissões espíritas declaradas.

Os números sobre o pertencimento religioso de nossos

alunos – e o que eles sugerem – podem ser alterados, com importantes implicações heurísticas, se forem cruzados com os de outras perguntas do questionário, o que lamentavelmente não faremos aqui, embora firmemos desde já com nosso caro leitor um contrato para fazê-lo brevemente. Assim é que – como já desconfiávamos e estávamos interessados nas demais vinculações religiosas de nossos estudantes – insistimos com uma bateria de 7 perguntas sobre outras participações religiosas.

Vinte alunos de Ciências Sociais (20,4%) e 26 de Comunicação (26,5%) responderam que participavam, à época da pesquisa, de encontros ou atividades de outras religiões, sendo a mais apontada a espírita. Tal participação é ligeiramente maior entre os alunos de Comunicação do que entre os de Ciências Sociais. O que é interessante é que, embora em ambos os cursos os alunos se interessem quase que igualmente pelo espiritismo, os dados apresentam variações quanto ao interesse por outras formas religiosas. Enquanto 6 alunos de Ciências Sociais disseram participar das religiões afro-brasileiras, entre os de Comunicação esse número baixa para apenas 1. O outro campo indicado é o das religiões orientais, cuja frequência, embora menor, vai no mesmo sentido: 6 nas Ciências Sociais, 2 na Comunicação. Será que os alunos de Ciências Sociais estão mais contaminados que os de Comunicação pelo exotismo dos cultos afro-brasileiros e orientais? Por quê? O que isso indica? Estariam nossos alunos, enquanto cientistas, “naturalmente” mais interessados pelo exotismo e pela diferença?

Adiante no questionário, evocamos o passado e voltamos a perguntar se tinham participado, nos últimos dois anos, de encontros ou atividades de outras religiões, e os números pularam para 42 (42,8%) e 43 (43,8%), respectivamente. Nota-se nestes números, especialmente, um formidável crescimento do espiritismo, que recebeu 17 (17,3%) e 18 (18,4%) menções entre os alunos de Ciências Sociais e de Comunicação, respectivamente. Aqui, para usar uma metáfora mui-

to gasta, revelou-se um pouco mais das dimensões do *iceberg mediúnico* de Camargo (1961). Além dessas *infidelidades* confessas, detectamos ainda a promessa de outras, como revelam os resultados de uma pergunta sobre a existência ou não de alguma alternativa religiosa que despertaria a curiosidade dos alunos: 31 (31,6%) alunos de Ciências Sociais e 43 (43,8%) de Comunicação responderam que sim, que tinham curiosidade por espiritismo, religiões orientais e religiões afro-brasileiras, principalmente.

Aqui também vale uma certa qualificação dos dados. Nos tempos que correm, tanto o *virtuosismo* religioso quanto à *infidelidade* religiosa parecem estar em franco processo de esgotamento, pois parece que se trata, sobretudo, de uma adesão religiosa de tipo poroso, flexível e mutante. Como já dito em outro lugar, vivemos, na religiosidade contemporânea, um duplo processo: de um lado, o esvaziamento das religiões tradicionais; de outro, a explosão de uma religiosidade sincrética e nômade, que aponta para uma recomposição/renovação da sensibilidade religiosa, da experiência do sagrado e do divino. Tal sensibilidade não mais aparece sob formatos institucionais rígidos, isto é, como grandes sistemas religiosos nos quais o sobrenatural e o transcendente davam significado e sentido à existência, e a adesão exigia exclusividade e ortodoxia no exercício das crenças e das práticas, mas numa plêiade de pequenos agrupamentos sem contornos fixos e rígidos, entre os quais podemos transitar sem que isso implique contradição, uma vez que não é mais questão de adesão, mas de participação *soft*, ou seja, a curto prazo e à moda de um *self-service* religioso, o que evidencia a recusa de uma única via de salvação e a busca da felicidade intramundana, aqui e agora. Trata-se de privilegiar a dimensão de religação (*religare*), própria do religioso, como elemento fundamental de socialidade e de experimentação do mundo (PEREZ, 2000: 53).

Outro importante elemento a ser colocado em perspectiva a partir dos dados coletados sobre as modalidades de cren-

ças de nossos alunos e que igualmente não aprofundaremos aqui diz respeito à pergunta “Você acredita em ...”. Fizemos uma longa lista de crenças com a intenção de que representasse um presumido cosmo mágico-religioso e/ou místico-esotérico dos alunos, dando-lhes a alternativa de múltipla resposta entre: Deus, Jesus Cristo, Virgem Maria, santos, anjos, espíritos, duendes, gnomos, demônios, entidades/orixás, vida após a morte, reencarnação/vidas passadas, energias/aura, astrologia/horóscopo, seres extraterrestres, magia, destino, tarot, mantras, I Ching, reiki, outro.

O quadro geral é assim configurado, pela ordem: 1) Deus – 155 ou 79%; 2) Jesus Cristo – 125 ou 63,8%; 3) vida após a morte – 118 ou 60,2%; 4) anjos – 88 ou 44,9%; 5) Virgem Maria – 84 ou 42,9%; 6) espíritos – 83 ou 42,3%; 7) reencarnação/vidas passadas e energias/aura – 71 ou 36,2%; 8) santos – 67 ou 34,2%; 9) seres extraterrestres – 61 ou 31,1%; 10) destino – 42 ou 21,4%; 11) demônios e entidades/orixás – 25 ou 12,8%; 12) astrologia/horóscopo – 24 ou 12,2%; 13) reiki – 22 ou 11,2%; 14) magia – 21 ou 10,7%; 15) mantras – 18 ou 9,2%; 16) tarot – 15 ou 7,7%; 17) outro – 13 ou 6,6%; 18) duendes/gnomos e I Ching – 11 ou 5,6%.

Nas Ciências Sociais, pela ordem: 1) Deus – 70 ou 71,4%; 2) Jesus Cristo – 57 ou 58,2%; 3) vida após a morte – 35 ou 35,7%; 4) espíritos – 33 ou 33,7%; 5) Virgem Maria e anjos – 31 ou 31,6%; 6) energias/aura – 30 ou 30,6%; 7) santos e reencarnação/vidas passadas – 25 ou 25,5%; 8) seres extraterrestres – 21 ou 21,4%; 9) demônios e entidades/orixás – 16 ou 16,3%; 10) destino – 15 ou 15,3%; 11) magia – 13 ou 13,3%; 12) astrologia/horóscopo e reiki – 11 ou 11,2%; 13) mantras – 10 ou 10,2%; 14) tarot e outro – 8 ou 8,2%; 15) I ching – 7 ou 7,1%; 16) duendes/gnomos – 5 ou 5,1%.

Na Comunicação: 1) Deus – 85 ou 86,7%; 2) Jesus Cristo – 68 ou 69,4%; 3) vida após a morte – 58 ou 59,2%; 4) Virgem Maria – 53 ou 54,1%; 5) Anjos – 57 ou 58,2%; 6) espíritos – 50 ou 51%; 7) reencarnação/vidas passadas – 46 ou 46,9%; 8) santos – 42 ou 42,9%; 9) energias/aura – 41 ou 41,8%; 10)

seres extraterrestres – 40 ou 40,8%; 11) destino – 27 ou 27,6%; 12) astrologia/horóscopo – 13 ou 13,3%; 13) reiki – 11 ou 11,2%; 14) demônios e entidades/orixás – 9 ou 9,2%; 15) magia e mantras – 8 ou 8,2%; 16) tarot – 7 ou 7,1%; 17) duendes/gnomos – 6 ou 6,1%; 18) outro – 5 ou 5,1%; 19) I Ching – 4 ou 4,1%.

O quadro geral de crenças aponta para interessantes sugestões. Os cinco primeiros lugares são ocupados por crenças características do catolicismo, exatamente a religião mais professada. O sexto e o sétimo lugar parecem indicar uma tendência às crenças espíritas, um tanto quanto hibridizadas com a Nova Era⁵. Do décimo segundo lugar em diante, ficam claras as crenças mágicas, esotéricas e místicas, apontando para a ambiência mágica e novaerista dos tempos que correm. Entre o oitavo e o décimo primeiro lugar é que o meio de campo se embola um pouco. Em ambos os cursos observa-se uma coincidência perfeita entre as primeiras crenças mais mencionadas, ou seja – e pela ordem – Deus, Jesus Cristo e vida após a morte. Há a mesma coincidência quanto à associação entre as opções demônio e entidades/orixás, muito embora não com o mesmo índice de crença nos dois cursos. Esta associação parece estar em perfeita sintonia com o imaginário popular brasileiro e é atualmente muito explorada pelo neopentecostalismo. Será que nossos alunos que simplesmente negam – em números absolutos – essa forma de pertencimento estariam contaminados pelo imaginário popular? Ou – quem sabe mesmo as duas coisas simultaneamente e de uma só vez – separando o plano das crenças do plano do pertencimento e, nesse sentido, sugerindo um certo grau de adesão às crenças neopentecostais e, por tabela, às afro-brasileiras? O elenco de crenças dos alunos de Comunicação está mais afinado com o quadro geral, com 8 coincidências, do que o das Ciências Sociais, com 3. Na esfera

⁵ Para uma análise da Nova Era ver, entre outros, Oliveira, 2000 e Amaral, 2000.

das crenças de tipo mágico e místico-esotérico, o destaque fica para as opções astrologia/horóscopo e reiki, que ocupam posições bastante próximas em ambos os cursos, sendo os primeiros dessas modalidades de crenças mencionadas por nossos alunos. Os quadros específicos sugerem que os alunos de Comunicação hierarquizam suas crenças de modo mais orgânico em relação às religiões do que os de Ciências Sociais, onde a mistura é muito acentuada. Teriam os alunos de Comunicação maior clareza quanto à relação crença – sistema religioso do que os de Ciências Sociais? Seriam nossos vizinhos mais coerentes? Quem sabe mais “virtuosos”, com o “pecado” ficando mais do lado das Ciências Sociais?

Os dados são intrigantes. Antes de tudo, pelo imenso acervo de crenças admitidas pelos alunos. A Comunicação apresenta um “maior volume” de crenças do que as Ciências Sociais, muito embora ambos os perfis possam ser considerados “muito altos”. Um significado possível dos dados poderia referir à magia, mais que a qualquer religião, como o compromisso de crença mais efetivo dos alunos de ambos os cursos, quicá dos brasileiros⁶. Na adesão às formas do pensamento mágico e às suas múltiplas representações é que se encontraria o *tesouro* de crenças de nossos alunos. Neste domínio, em relação à divindade, teríamos a monolatria preferivelmente ao monoteísmo. Isso pode estar a indicar os altos, mas distintos escores de Deus, Jesus Cristo e Virgem Maria. Mais uma vez, chama a atenção a grande expressão de crenças relacionadas ao espiritismo, como vida após a morte, espíritos, reencarnação e vidas passadas. Vê-se ainda a presença da simbologia mágica judaico-cristã nas crenças em demônios, anjos e santos, além de um conjunto de crenças ditas esotéricas, como nos seres extraterrestres, energias/aura, reiki, etc.

Essa ampla e variada gama de crenças de nossos alunos

⁶ Para uma interpretação sociológica das práticas mágicas ver, entre outros, Cardoso, 1999.

parece estar em perfeita sintonia com os tempos que correm. A plêiade de crenças que eles indicam possuir, muitas se misturando umas com as outras, parecem sugerir que, para além do bem e do mal, para além da virtude ou do pecado, nossos estudantes apelam a alguma forma de comércio com o transcendente. Evidencia-se assim o quanto o religioso, a religião é ainda fonte de sentido para a existência, mesmo que – talvez por isso mesmo – tal como disse argutamente nosso querido mestre, “o campo religioso é hoje, cada vez menos, o campo das religiões, pois o homem religioso, na sua ânsia de compor um universo-para-si, sem dúvida cheio de sentido, mas de sentido-para-si, tende a não se sujeitar às definições que as instituições lhe propõem dos elementos de sua própria experiência”, pois “é menos de verdade objetiva que se trata, na procura contemporânea do sentido religioso da vida, mas de uma emoção ‘que tenha o som da verdade’”. Trata-se assim de um fenômeno de dupla dimensão: primazia da emoção sobre a razão, pois “atravessa a quase totalidade do espaço social da religião uma atitude subjetiva que caracteriza o ator religioso – ou simplesmente social – contemporâneo” e localização da verdade mais “no projeto simbólico de uma seta lançada na direção de uma realidade constantemente a se fazer – e que abre caminho, indicando um sentido, do que na clausura de definições acabadas” (SANCHIS, 1997: 34-35).

As relações entre prática religiosa e participação política

É relativamente complicado dizer muita coisa sobre a relação de nossos alunos com a política, e dessa com suas práticas religiosas. Aqui é preciso fazer uma espécie de *mea-culpa*. Embora esse fosse um dos objetivos da pesquisa, o instrumento utilizado é falho para efetivamente mensurar a problemática. Das 34 perguntas do questionário, apenas 5 (14,7%) dizem respeito à política, contra 15 (44,1%) sobre

religião. Além do mais, elas podem ser, dado o tema proposto, divididas em apenas três: duas dizem respeito à última eleição presidencial, duas sobre identificação partidária e apenas uma sobre participação em organizações e movimentos sociais. Entretanto, a despeito de tais falhas, talvez fruto do fato de que a própria pesquisa está sendo promovida por núcleos e centros de pesquisa sobre religião, exporemos a seguir as informações coletadas.

Perguntamos aos nossos alunos se eles votaram nas últimas eleições para presidente, ou seja, em 1998. Encontramos um percentual ligeiramente distinto nos dois cursos (88,8% votaram nas Ciências Sociais e 73,5% na Comunicação), mas tal diferença pode ser explicada pelo perfil etário que apresentam os alunos. No caso da Comunicação, como estamos lidando com um grande percentual de jovens que tinham entre 18 e 19 anos no primeiro semestre de 2000, quando aplicamos o questionário, precisamos considerar que eles ainda não estavam sob a obrigatoriedade do voto. Para os que votaram, perguntamos ainda qual foi o candidato que escolheram e, em ambos os cursos, aparece majoritariamente o nome de Lula, com 73% das respostas válidas nas Ciências Sociais e 52,8% na Comunicação. Parece existir então entre nossos alunos uma certa tendência à esquerda pela escolha de um candidato do PT, mas, por outro lado, essa tendência não se cristaliza na forma de uma identificação partidária. A pergunta seguinte no questionário é se os estudantes têm alguma identificação partidária, e a ampla maioria respondeu que não nos dois cursos, 57,1% nas Ciências Sociais e 79,6% na Comunicação.

Tais índices reforçam o argumento que apresentamos ao final da primeira seção deste trabalho, de que os ideais políticos que se constroem em torno de uma unidade ideológica, ou seja, de uma grande estrutura partidária que resulta na formação de uma identidade rígida, parecem não atrair muito a adesão ou participação dos alunos, afinados que estão com o *espírito de época* que vivem. Caracterizando este

espírito, temos o esfacelamento das grandes utopias revolucionárias que marcaram a virada do século XIX para o XX. Nesse sentido, há um deslocamento da responsabilidade da criação de um mundo melhor da esfera coletiva para a esfera individual, apontando para transformações na própria configuração do espaço público – e não para o seu fim, como querem os apocalípticos. Hoje em dia, os movimentos revolucionários perdem progressivamente a importância e a capacidade de motivar as pessoas a buscarem *mudar o mundo*. Mais importante do que mudar o mundo é mudar a si próprio, a vizinhança, a cidade, criando uma esfera de ação política mais local. Esta mudança valorativa ocorre junto com a queda da “rocha sobre a qual a sociedade industrial tecnológica acreditava estar construída”, ou seja, a crença no progresso contínuo e incessante, do ponto de vista tecnológico, como fonte de felicidade, realização e uma vida mais confortável. Segundo Morin, “a crise cultural de 1968/70 mostra que o bem-estar produz não só o melhor-estar, mas também o mal-estar, que o aumento dos bens materiais desperta necessidades afetivas profundas que reprimidas/controladas na civilização tradicional tornaram-se errantes e divagantes. Os mitos da felicidade corroem-se, problematizam-se. É a essa crise cultural que se prende o problema ecológico, que mostra que, além de certos níveis, os crescimentos industriais criam mais prejuízos do que benefícios que, em suma, seus subprodutos poluidores tendem a se tornar produtos principais ao passo que os produtos principais – as satisfações – tendem a se tornar subprodutos” (1986: 71). Junto com estes mitos de felicidade e, metaforicamente, com o Muro de Berlim, cai a crença em ideais comunitários a serem alcançados pela via política, tal como apregoava a ideologia marxista. As grandes estruturas criadas a partir da modernidade, de que são exemplos a burocracia estatal, o sindicalismo, grandes movimentos sociais (vinculados direta ou indiretamente ao Estado) e, o que nos interessa mais de perto, os partidos políticos, mostram-se

incapazes de criar soluções, de oferecer respostas para as crises do mundo moderno. Isto tudo porque, segundo Morin, faltou, à visão sócio-econômica que alimenta estas estruturas, o próprio mundo – “nosso mundo em estado de caos, de agonia, em trabalho de parto, um mundo conturbado por duas guerras mundiais, incontrolável” (1986: 72).

Mas se os alunos não se identificam com as grandes estruturas partidárias e com os grandes ideais revolucionários, tampouco apresentam grande interesse pelos movimentos sociais, mesmo aqueles que apareceram já em consonância com idéias contemporâneas ao *espírito de época* brevemente descrito acima, ou seja, os pequenos grupos que recolocam o mundo caótico, parafraseando Morin, nas questões pelas quais se empreendem. É o caso dos movimentos ecológicos, que foram citados por apenas 3 alunos nas Ciências Sociais e por 8 na Comunicação; das cooperativas comunitárias, que foram referidas por 2 alunos nas Ciências Sociais e por 5 na Comunicação; assim como dos grupos vinculados a igrejas, que aparecem com 10 indicações nas Ciências Sociais e 7 na Comunicação. É interessante notar (o dado é bastante sugestivo) que a participação nos grupos de caráter religioso tem o mesmo número de indicações que o movimento estudantil, grande panteão de atuação política dos estudantes nas décadas de 60 e 70. As associações de bairros não foram mencionadas por nenhum dos alunos de Ciências Sociais e o foram por 2 na Comunicação. Talvez esse desvio seja explicado pelo fato de que um importante segmento do mercado de trabalho, para os profissionais de comunicação, seja o de jornais de bairros, que apresentaram um crescimento muito expressivo nos últimos anos em todo o Brasil. Os grupos de gênero tiveram 2 citações em cada curso; e, finalmente, os grupos/movimentos étnicos foram citados por 2 alunos das Ciências Sociais e por 1 da Comunicação.

O quadro acima sugere duas hipóteses: 1) ou a atuação política está se esfacelando, praticamente não existindo no

universo dos estudantes universitários dos cursos pesquisados, como sugerem as trombetas de certos arcanjos do apocalipse (muitas vezes obnubilados pela lente Iluminista e Moderna que lhes serve de leitura); 2) ou ela está acontecendo fora das vias políticas convencionais, sugerindo a própria reconfiguração do que é o político. Preferindo apostar na segunda opção, visto que a política é uma dimensão fundamental na vida em sociedade, resta-nos então lançar a sugestão de tentarmos ver de fato as relações entre adesão religiosa e adesão política. Devemos, nesse caso, nos perguntar: onde a atuação política estará acontecendo? Nas igrejas e nos movimentos religiosos não-institucionais? Será que no Brasil (representado nessa micro-esfera de pesquisa), que é um país supostamente moderno (capitalista, urbano e com um Estado formalizado), estaria se configurando uma outra forma de relacionar dois campos da vida social – religião e política – que, dentro da cultura moderna (e inclusive marcando sua gênese e definindo sua “natureza”) *deveriam* estar separadas?

Considerações finais

Ao fim e ao cabo voltamos – como sempre – ao começo. Nossa pequena pesquisa, com todos os seus problemas e limites, parece confirmar a complexidade de nossa religiosidade, exemplarmente sintetizada por Sanchis. Ele elabora uma grade, “no nível ideal típico das tendências”, que pode assim ser resumida: “o filão mais tradicional e quase substantivo da história religiosa do Brasil” é constituído pelo “cristianismo – mais especificamente o catolicismo – e o universo genericamente referido como ‘afro’” (candomblé e umbanda), ao qual vieram somar-se – “dialética e ambigualmente” – o filão protestante (protestantismo histórico e pentecostalismo), o filão espírita e o filão dos cultos de origem oriental. Tais filões, ou universos simbólicos, embora tenham cada qual suas especificidades e suas diferenças,

são vividos “sob a forma de indecisões, cruzamentos, de porosidade e pertença dupla, de contaminação mútua”, pois conhecem aqui uma situação de “intercomunicação” permanente, produto da pluralidade sistemática que marca a sociogênese do Brasil, possibilitando “reinterpretações e inversões valorativas” as mais variadas, “orixás viram santos, anjos viram demônios, santos ídolos, o Espírito uma entidade entre outras”; “sem falar de uma cristalização paradigmática: a figura do Exu, presença polivalente e ambígua”, que “mantém viva a circulação misteriosa de sentido: orixá intermediário entre os deuses e os homens, nas tradições mais próximas à África, figura ambivalente na umbanda, contaminada pelo diabo católico, apesar de se enquadrar no mundo do bem através da purificação e do batismo, antes de virar de vez ao demônio pentecostal, a ser neutralizado e expulso. Ambivalência típica de articulações e cruzamentos entre o bem e o mal, nunca perfeitamente acabados” (1997: 33, 37-39). Diríamos mais, com a devida licença, esses universos/cosmologias em permanente comunicação (leia-se mestiçagem) são os grandes – obviamente que não os únicos – agentes da civilização brasileira⁷. Desse modo, pudemos perceber, através de análise quantitativa, que este micro-universo de pesquisa representa o multiverso de possibilidades e de formas de viver o sagrado que vêm se reafirmando contemporaneamente na sociedade brasileira, multiverso já bem delineado por variados estudos/estudiosos através de pesquisas qualitativas e que ecoam a afirmação maussiana segundo a qual “uma religião determinada não é senão uma espécie de abstração, de extrato convencional da vida religiosa de todos os seus adeptos. Ora, esta vida religiosa não se expandiu de uma forma uniforme entre todos os indivíduos. Cada um a refrata de seu modo e subgrupos numerosos se

⁷ Como bem disse Derrida, “não se trata de ‘ir além’ do ensinamento do mestre, mas de segui-lo e prolongá-lo”. Todavia, cabe perguntar: “Para evitar ultrapassar não se corre o risco de voltar alguém?” (1973: 68).

formam em toda religião, mais ou menos estáveis, mais ou menos isolados, onde a religião dada é percebida de um certo ponto de vista e praticada de um certo modo” (MAUSS, 1968: 99).

Referências Bibliográficas

AMARAL, Leila. *Carnaval da alma. Comunidade, essência e sincretismo na Nova Era*. Petrópolis: Vozes, 2000.

BAUDRILLARD, Jean. “Modernité”. *Biennale de Paris. La modernité ou l'esprit du temps*. Paris: Editions L'Equerre, 1982.

CAMARGO, C. P. F. de. *Kardecismo e umbanda: uma interpretação sociológica*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1961.

CANEVACCI, Massimo. *Sincretismos: uma exploração das hibridizações culturais*. São Paulo: Studio Nobel: Instituto Cultural Italo-Brasileiro – Istituto Italiano di cultura, 1996.

CARDOSO, Alexandre. “Os alquimistas já chegaram: uma interpretação sociológica das práticas mágicas em Belo Horizonte”. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, FFLCH, 1999.

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, EDUSP, 1973.

DURKHEIM, Emile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2. Ed.

MAUSS, Marcel. “Généralités sur la théorie des religions”. *Oeuvres*, v. 1. Les fonctions sociales du sacré. Paris: Les

Editions de Minuit, 1968.

MORIN, Edgar. *Para sair do século XX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

OLIVEIRA, Luciana de. “Nódulos de dádiva: religião, individualismo e comunicação nas sociedades contemporâneas – as redes da Nova Era”. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, 2000.

PEREZ, Léa Freitas. “Breves notas sobre a religiosidade brasileira”. *Brasil 500 anos*. Edição Especial, junho. Belo Horizonte: Imprensa Oficial dos Poderes do Estado, 2000.

PEREZ, Léa Freitas. “Fim de século, efervescência religiosa e novas configurações societárias”. Trabalho apresentado nas IX Jornadas sobre Alternativas religiosas na América Latina. Rio de Janeiro: 1999.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. “Identidade nacional, religião, expressões culturais: a criação religiosa no Brasil”. In: SACHS, Viola et al. *Brasil & EUA: religião e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

SANCHIS, Pierre. “As religiões dos brasileiros”. *Horizonte*, v. 1, n. 2, Belo Horizonte, 1997.

STEIL, Carlos Alberto, HERRERA, Sônia Reyes e ALVES, Daniel. “Religião e Política entre os alunos de Ciências Sociais: a definição de um perfil”. Porto Alegre: UFRGS, 2001. policopiado

VELHO, Otávio. *Besta-fera: recriação do mundo. Ensaio crítico de Antropologia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.